

## Homens trans e o desafio do cuidado de enfermagem

### RESUMO

**Objetivo geral:** refletir sobre o cuidado de enfermagem direcionado a homens trans. **Objetivo específico:** Incentivar a criação de ambulatório interdisciplinar para atendimento à população de homens trans em município da região central do Rio Grande do Sul. **Método:** trata-se de pesquisa descritivo exploratória com abordagem qualitativa, realizada no período de setembro e novembro de 2018 subsidiado por meio de projeto de iniciação científica. **Resultados e discussão:** discute-se os pensamentos dos participantes acerca das dificuldades enfrentadas pelos homens trans ao seu acesso aos serviços e cuidados de saúde. **Considerações finais:** a inserção de estudantes de enfermagem em debates e projetos de iniciação científica e atividades de extensão acerca dos homens trans propicia crescimento teórico-prático, fazendo com que futuramente atendam essa população de acordo com suas reais necessidades. **Descritores:** Enfermagem; Saúde; Gênero.

### ABSTRACT

**Objective:** to reflect on nursing care directed to trans men. **Method:** This is a descriptive exploratory research with a qualitative approach, conducted in the period of September and November 2018 subsidized through a project of scientific initiation. **Results and discussion:** The participants' thoughts about the difficulties faced by trans men in their access to health services and care are discussed. **Final considerations:** The inclusion of nursing students in debates and projects of scientific initiation and extension activities about trans men provides theoretical and practical growth, making them meet this population in the future according to their real needs. **Keywords:** Nursing; Cheers; Genre.

## 1.INTRODUÇÃO

A discussão sobre o que é gênero é fundamental para que possamos problematizar a concepção hegemônica sobre as identidades de gênero e as sexualidades trans. Há uma disputa sobre quem pode ser reconhecido como homem e mulher de verdade. No entanto, não há consenso no mundo acadêmico e nos ativismos políticos sobre o que é gênero<sup>1</sup>.

Nos movimentos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), a população trans é compreendida como um grupo à parte<sup>2</sup>. Sabe-se que até o início dos anos 1990, travestis e transexuais não estavam formalmente incluídas nas manifestações LGBT. A partir daí, quando este movimento começou a se apresentar mais claramente como uma ação coletiva cuja autoria se remetia a uma espécie de que as pessoas trans puderam encontrar algum espaço de representação política. Foi em 1995 que, pela

primeira vez, organizações de travestis participaram formalmente de um espaço do movimento, no VIII Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas. Em seu âmbito criava-se a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT)<sup>3</sup>.

Estudos sobre homens trans no Brasil são praticamente inexistentes, tendo menos visibilidade que as transexuais femininas. A trajetória do movimento de travestis e transexuais no Brasil, até fins da primeira década dos anos 2000, é marcada pela presença de mulheres trans no que se refere a transexuais. No entanto, observamos uma mudança no cenário ativista de transhomens a partir de 2010<sup>4</sup>.

Homens trans são pessoas que, ao nascer, foram consideradas do sexo feminino, mas que, ao se desenvolverem, expressam uma identidade masculina. Sentem-se pertencentes ao gênero masculino e buscam o reconhecimento social como homem, homem trans ou pessoa transmasculina. Homens trans, culturalmente, têm a expressão de sua masculinidade por meio do uso de roupas atribuídas ao gênero masculino, cortes de cabelo curto e um “nome social” (um nome masculino pelo qual se reconhecem e se apresentam, para serem chamados por outras pessoas)<sup>5</sup>.

Em 30 de junho de 2012 foi fundada a Associação Brasileira de Homens Trans – ABHT, sendo esta uma iniciativa pioneira no país, com o intuito de “reivindicar e garantir os direitos humanos da população transmasculina e LGBT no Brasil. As principais pautas da ABHT são a Lei de Identidade de Gênero no Brasil, o Estatuto da Diversidade Sexual, a Criminização da homo e da transfobia; promover encaminhamentos sobre despatologização / despsiquiatrização das transidentidades; políticas públicas afirmativas para que as pessoas trans tenham acesso a direitos fundamentais como saúde, educação, trabalho, habitação e segurança; a visibilidade e o fortalecimento de cada homem trans, e sua inclusão na sociedade<sup>6</sup>.

Cabe salientar que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, recentemente, na nova Classificação Internacional de Doenças (CID), que, embora as evidências agora estejam claras de que a transexualidade não é um transtorno mental, e de fato classificá-lo pode causar enorme estigma para as pessoas transgênero, ainda há necessidades significativas de cuidados de saúde que podem ser melhor atendidas se a condição for codificada sob o CID<sup>7</sup>. Contra o estigma e o preconceito, a retirada da transexualidade da lista de doença mental sempre foi bandeira do movimento LGBT. A homossexualidade já havia sido retirada da lista em 1990, última revisão da CID.

Salienta-se que debater transexualidade sugere uma reflexão sobre o significado de sexo e gênero ultrapassando concepções biológicas. Propõe pensar sobre vivências cotidianas e toda a complexidade que envolve essas situações<sup>8</sup>.

Partindo-se dessas ideias, questiona-se nesse estudo, como se dá o cuidado de enfermagem aos homens trans?

## **2.OBJETIVOS**

### **Geral**

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o cuidado de enfermagem direcionado aos homens trans.

### **Específico**

Incentivar a criação de ambulatório interdisciplinar para atendimento à população de homens trans em município da região central do Rio Grande do Sul.

Descrever as competências necessários para os cuidados de saúde aos homens trans.

## **3. MÉTODO**

Trata-se de pesquisa descritivo-exploratória com abordagem qualitativa realizada no período de setembro e outubro de 2018. Esta pesquisa é parte de um projeto maior intitulado: “Compreendendo o fenômeno da violência de gênero no espaço escolar”, aprovado pelo Comitê de Ética da UNF sob o número 79380417.8.0000.5306, respeitando a resolução do CNS nº 466/2012<sup>9</sup>.

Esse projeto, ao longo do seu desenvolvimento em escolas públicas de município da região central do Rio Grande do Sul, possibilitou identificar pessoas transexuais nesses espaços, gerando a necessidade de reflexão sobre o seu cuidado com a saúde e atuação da enfermagem com essa população.

Suas falas durante as atividades nas escolas, instigaram o grupo de pesquisa na busca de conhecimento sobre sua realidade, bem como a busca de produções científicas sobre o tema visando atendimento adequado a sua realidade. A partir desse contexto, foram solicitados encontros pelos homens trans, as quais ocorrem mensalmente, com o objetivo de debater assuntos relativos à sua saúde. Ao todo, participam dessa atividade 23 homens trans e quatro bolsistas e professora do curso de Enfermagem.

O envolvimento de estudantes como bolsistas em projetos de Iniciação Científica (IC) e bolsistas voluntários se configura como um importante meio de criação e incentivo de novos conhecimentos favorecendo o atendimento profissional futuro.

Para a sistematização e análise dos dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, com abordagem temática, proposta por Bardin<sup>10</sup>. Durante os encontros, os alunos bolsistas relatavam em um diário de campo os temas mais abordados pelos homens trans. O processo de análise das informações fez emergir duas categorias: Inadequação do atendimento aos homens trans nos serviços de saúde e contribuições para as áreas da enfermagem, saúde e políticas públicas.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A partir da realização de projeto que desenvolvia ações de educação em saúde acerca de temáticas como Infecções Sexualmente Transmissíveis, gravidez na adolescência, diversidade e violência de gênero nas escolas, surgiu a proposta de grupo paralelo com homens trans que frequentavam esses espaços. Passaram a ocorrer encontros mensais com essa população nas dependências da universidade, das quais participaram alguns estudantes do curso de enfermagem.

A partir do vivido nos encontros, emergiram duas categorias, as quais serão discutidas na sequência.

##### **Inadequação do atendimento aos homens trans nos serviços de saúde**

Os temas mais prevalentes nesses encontros foram o acesso aos serviços de saúde, o uso de hormonioterapia, respeito ao nome social e a necessidade da criação de ambulatório para atendimento aos homens trans no município. O grupo iniciou com a participação de três homens trans, sendo que atualmente já temos a frequência de 28 pessoas.

Durante os encontros, percebeu-se claramente os obstáculos vivenciados por eles para o acesso aos serviços de saúde. Em suas narrativas, há relatos de discriminação e transfobia, o que muitas vezes os afasta dos serviços. Essas vivências culminam na decisão de, em algum momento da vida, reclamar a identidade masculina. Tal decisão é associada não só à possibilidade de obtenção de conforto psíquico, mas de respeito e reconhecimento social<sup>11</sup>.

As dificuldades apontadas para o atendimento em relação a tomada de hormônios e cirurgias de readequação corporal são frequentes entre os participantes. A Resolução 1955/2010 do Conselho Federal de Medicina publicou no Diário Oficial da União sobre a assistência as transexuais no Brasil (Resolução nº 1.955/2010). O Ministério da Saúde passou a considerar que os procedimentos de retiradas de mamas, ovários e útero no caso de Homens transexuais deixam de ser experimentais e podem ser feitas em qualquer hospital público e/ou privado que sigam as recomendações do Conselho. O tratamento de neofaloplastia (construção do pênis) ainda não foi liberado e permanece em caráter experimental<sup>12</sup>.

Outro problema citado é o uso permanente de “*binder*”. Trata-se de recurso para comprimir os seios, antes da realização da mamoplastia, tais como colete compressores, fitas adesivas ou faixas. Há narrativas de ferimentos na região das mamas pelo uso frequente desses materiais compressores. Ao serem questionados sobre curativos nessa região, os mesmos omitem essa situação nos serviços de saúde pelo medo do preconceito, pois muitas vezes sequer respeitam o seu nome social.

Os homens trans referem saber de histórias de que a tomada constante de hormônio masculino (testosterona) pode acarretar problemas ósseos. No entanto, mesmo sabendo dos riscos, o uso dos hormônios geralmente é indicado entre eles, com pouca ou nenhuma participação dos profissionais de saúde.

O uso de testosterona (em geral via injeção) pode ser requerido para produzir características físicas como crescimento de barba e de pelos corporais, engrossamento da voz, distribuição de gordura em um padrão mais “masculino”, aumento da musculatura, interrupção da menstruação e crescimento do clitóris. Também pode-se buscar a cirurgia para retirada das mamas e masculinização do tórax (mastectomia e/ou mamoplastia masculinizadora), a retirada do útero e ovários (histerectomia total), o fechamento do canal vaginal e a cirurgia genital (que pode ser realizada pelo método da neofaloplastia ou da metoidioplastia)<sup>5</sup>.

Um dos argumentos referidos nas Portarias do Ministério da Saúde é de que a cirurgia de transgenitalização não deve se constituir como única meta a ser atendida pelo Processo Transexualizador. Somado ao fato de que as demais cirurgias transexualizadoras para homens transexuais (histerectomia e mastectomia) não encontram, na prática médica, essa conotação de experimental e ainda, que pesquisas demonstram que as demandas dos homens transexuais por acompanhamento endocrinológico e realização das

cirurgias de mastectomia, histerectomia, no momento, são mais relevantes do que a busca pela neofaloplastia e metoidioplastia (construção de um pênis a partir do clitóris)<sup>13</sup>.

Até pouco tempo havia a patologização da transexualidade, ou seja, a consideração pela medicina de que a transexualidade era uma doença gerou inúmeros problemas para as pessoas trans. Entre os problemas, encontram-se: a violência de gênero, negação do direito da autonomia, dificuldade do acesso à saúde em função da imposição de padrões irreais sobre ser transexual ou não. Esses fatores podem limitar a assistência à saúde burocratizando-a desnecessariamente e estigmatizando a população trans que já sofre preconceito<sup>14</sup>.

Salienta-se que o Ministério da Saúde lançou o curso Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais no ano de 2015. Esse curso era voltado para profissionais de saúde, principalmente trabalhadores do SUS. Nota-se que as políticas, portarias e planos foram criados com o intuito de proteger as especificidades da população LGBT em relação ao processo saúde-doença, sob o viés do preconceito, notou-se nesse trabalho o desconhecimento das mesmas<sup>15</sup>.

Apesar dos avanços recentes com a criação de políticas públicas específicas e garantias de direitos a esse segmento populacional no Brasil, ainda há muito a ser feito para a construção de uma sociedade mais inclusiva, não violenta e que respeite todas as possibilidades de gênero e de vida<sup>16</sup>.

As políticas e programas para atendimento à população de homens trans subsidia conhecimentos oportunos para a atualização e adequação do cuidado de enfermagem, entretanto ainda percebe-se a existência de uma lacuna na formação profissional e consequente prestação de cuidados específicos a essa população.

### **Contribuições para as áreas da enfermagem, saúde e políticas públicas**

- Proporcionar o acesso aos serviços específicos, amenizando os obstáculos vivenciados;
- Conhecimento científico sobre hormonioterapia, e as consequências do uso contínuo de testosterona, no sistema ósseo;
- Respeitar o nome social e o direito da autonomia para os homens trans;
- Discutir entre os profissionais de saúde sobre a discriminação e transfobia;
- Proporcionar conforto psíquico, respeito e reconhecimento social;
- Conhecer e discutir a Resolução 1955/2010 do Conselho Federal de Medicina, que aborda a assistência aos transexuais no Brasil;

- Discutir acerca das diretrizes do Ministério da Saúde sobre os procedimentos de mastectomia e/ou mamoplastia masculinizadora, oforectomia e histerectomia com fechamento do canal vaginal e neofaloplastia da metoidioplastia;
- Orientar sobre os cuidados relacionados as cirurgias de readequação corporal.
- Conhecer as consequências do uso permanente de “*binder*” e orientar sobre as complicações decorrentes deste uso, sem julgamento ou preconceito;
- Orientar que a cirurgia de transgenitalização transcende o Processo Transexualizador, pois deve atender também psíquico e o emocional, desta clientela;
- Destacar a importância do acompanhamento endocrinológico aos homens trans;
- Discutir e desmistificar a patologização da transexualidade;
- Discutir e orientar sobre a prevenção da violência de gênero;
- Desburocratizar a assistência à saúde e desestigmatizar a atenção a população trans;
- Conhecer e discutir com a equipe multiprofissional a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais;
- Desmistificar os cuidados específicos com a população LGBTQ+, sendo neste estudo direcionado aos homens trans;

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A inserção de estudantes de enfermagem em debates e projetos de iniciação científica e atividades de extensão acerca desse tema pode favorecer o cuidado adequado à população de homens trans de acordo com suas reais necessidades. Durante a realização desse trabalho, percebeu-se a dificuldade de publicações científicas sobre essa temática.

Salienta-se que esse trabalho evidenciou que homens trans desviam os serviços de saúde em função da inadequação de atendimento para os mesmos. Sugere-se que esse conteúdo seja inserido no currículo da enfermagem, visando o cuidado compatível com a necessidade de saúde de homens trans.

Evidenciou-se a necessidade de que mais pesquisas sejam realizadas nessa área nas Instituições de Ensino Superior, favorecendo o conhecimento sobre esse tema e consequente aprimoramento dos serviços de saúde. Esses aspectos podem instigar investimentos na construção de redes de atenção voltadas a qualidade de vida dos homens trans.

## REFERÊNCIAS

1. Bento B. Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 10, p. 2655-2664, Oct. 2012.
2. Souza ER. Papai é homem ou mulher? Questões sobre a parentalidade transgênero no Canadá e a homoparentalidade no Brasil. Revista de Antropologia. v. 56 n. 2, p. 397-430, 2013.
3. Carvalho M, Carrara S. Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil Sexualidad, salud e sociedad – Revista Latinoamericana, n.14, p.319-351, ago 2013.
4. Ávila S, Grossi MP. Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina. Congresso Fazendo Gênero, Florianópolis, 23 a 26 de agosto de 2010.
5. Brasil. Ministério da Saúde Secretaria de Vigilância em Saúde Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. Homens trans: vamos falar sobre prevenção de infecções sexualmente transmissíveis? Brasília, DF, 2018.
6. ABRAPSO. Associação Brasileira de Psicologia apoia Ofício da ABHT N° 0047/2013, 2013.
7. WHO. World Health Organization. International Classification of Diseases, 2018.. Disponível em: <http://www.who.int/health-topics/international-classification-of-diseases>. Acesso em 10/07/2019.
8. Morera, JAC; Padilha, MI. Representações sociais do sexo e gênero entre pessoas trans. Rev. Bras. Enferm., Brasília, v. 70, n. 6, p. 1235-1243, Dec. 2017. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672017000601235&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672017000601235&lng=en&nrm=iso)>. access on 26 July 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0581>
9. Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em 26 julho 2019.
10. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011. 280 p.
11. Almeida, G. ‘Homens trans’: novos matizes na aquarela das masculinidades? Estudos Feministas, Florianópolis, 20(2): 256, maio-agosto/2012.
12. CFM. Conselho Federal de Medicina. Resolução CFM n 1.955/2010. (Publicada no D.O.U. de 3 de setembro de 2010, Seção I, p. 109-10).
13. Aran M, Murta D. Relatório final da pesquisa Transexualidade e saúde: Condições de acesso e cuidado integral (IMSUERJ/MCT/CNPq/MS/SCTIE/DECIT); BENTO, B. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

14. ABHT. Associação Brasileira de Homens Trans. Ser trans não é doença. 2017. Disponível em: <http://homenstrans.blogspot.com/p/ser-trans-nao-e-doenca.html>. Acesso em 02/07/2019.
15. Mercês MRJ, Volpato PR, Pereira Rendeiro MM, Henrique CM. Casos complexos no curso Política LGBT: diálogo entre complexidade e educação permanente. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Recife, 2015.
16. Rosa DF, Carvalho MV, Pereira NR, Rocha NT, Neves VR, Rosa AS. Assistência de Enfermagem à população trans: gêneros na perspectiva da prática profissional. Rev. Bras. Enferm. [Internet]. 2019 Fev [citado 2019 Jul 26] ; 72( Supl 1 ): 299-306. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672019000700299&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672019000700299&lng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0644>.